

Da Quase Equivalência à Necessidade de Distinção:

significante e letra na obra de Lacan

Suely AIRES¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise e uma reflexão sobre o percurso lacaniano de construção e diferenciação dos conceitos de significante e letra, de modo a apresentar as lógicas distintas que se articulam a esses conceitos.

Palavras-chaves: lingüística; psicanálise; Lacan; Saussure; significante; letra.

Neste artigo nos propomos apresentar de forma resumida o percurso de Jacques Lacan na construção do conceito de letra, de modo a diferenciá-lo do conceito de significante. Acreditamos poder afirmar que, se em um primeiro momento, uma distinção entre as noções de significante e letra não se faz de forma clara, com a gradual construção da teoria e sua matematização, Lacan constitui um conceito de letra que não apenas se distingue do conceito de significante, mas aponta para uma lógica identitária e, portanto, diversa da postulada por meio do conceito de significante.

O significante: entre lingüística e psicanálise

Como bem sabemos, o conceito de significante não nasceu no âmbito da psicanálise, tendo sido retirado do campo da lingüística. A formulação lacaniana do conceito apóia-se na concepção de Ferdinand de Saussure, lingüista que, apesar de contemporâneo de Freud, não parece ter tomado conhecimento de sua obra ou de suas

¹ Professora de teoria psicanalítica no curso de psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Doutoranda em Filosofia da Psicanálise no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Membro do grupo de trabalho SEMASOMa vinculado ao curso de pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. Membro do GT de Filosofia e Psicanálise - ANPOF. Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. E-mail: suely.aires@uol.com.br.

formulações sobre o inconsciente. Tampouco há registro de que Freud tenha sabido das inovações propostas por Saussure, a despeito de ter tido como paciente em análise, Raymond de Saussure, filho do lingüista genebrino.

Este desencontro entre os dois autores não impediu, no entanto, que Freud julgasse a ciência da linguagem (*Sprachwissenschaft*) como campo próximo à psicanálise (Freud, 1913) e se detivesse em análises gramaticais ou retóricas de lapsos, atos falhos ou sonhos em inúmeras obras. O interesse freudiano pela lingüística residia mais notadamente nas propriedades da linguagem, em detrimento do método, nas quais buscava esclarecimento sobre os processos inconscientes. Como aponta Milner (2002), Freud mantém silêncio sobre a lingüística de sua época, cujo expoente era a gramática comparada.

Por sua vez, Lacan irá buscar uma aproximação entre psicanálise e lingüística por outras vias. Não tomará como apoio os textos freudianos que dialogam com pensadores dessa área - nomeadamente Karl Abel em *O Sentido Antitético das Palavras Primitivas* (1910) ou Hans Sperber sobre a origem sexual da linguagem - mas buscará as obras freudianas que oferecem exemplos de jogos de palavras, entre as quais se destacam *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901) e *Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente* (1905). Serão exatamente os jogos de palavras que permitirão a Lacan apresentar o significante como conceito comum à psicanálise e à lingüística e defender que a prática psicanalítica é uma experiência de linguagem: “[a análise lingüística] tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir. Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra” (Lacan, 1999).

Essa ‘confusão’ entre psicanálise e análise lingüística será desfeita progressivamente por Lacan, o qual acabará por cunhar sua famosa *lingüisteria*,

neologismo que visa marcar uma diferença entre o uso que ele faz da lingüística em sua teoria e este corpo de conhecimento propriamente dito, de modo a justificar as apropriações feitas.

De Saussure a Lacan: primeiras modificações.

Uma aproximação entre as ‘análises gramaticais’ freudianas e a noção de significante, tal como proposta por Lacan, só poderia ser efetivada se, em lugar de tomar o conceito saussuriano, fossem realizadas algumas modificações de modo a ‘adaptar’ o significante às necessidades da teoria psicanalítica. Essas modificações trazem como conseqüência a construção de um conceito de significante que já não se confunde com seu homônimo lingüístico, mas que não se deixa ver de modo tão claro.

Segundo Saussure, o signo lingüístico “*é uma entidade psíquica de duas faces - significado e significante - cujos elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro*” (Saussure, 1995). A união entre significante e significado é arbitrária, mas não pode ser considerada aleatória, pois é imposta pela comunidade, de tal modo que o signo, como resultante da associação de um significante com um significado, também é arbitrário. O significante é, então, apresentado como a estrutura mínima da cadeia significante na qual cada elemento é definido puramente em termos de diferença, relacionando-se com outros significantes por oposição e encadeamento. Nesse modelo, a significação é produzida pela relação entre significantes e destes com os significados, não sendo uma questão de referência à realidade. Lacan propõe inicialmente duas modificações na concepção de signo proposta por Saussure: (1) uma representação do signo lingüístico em que significante e significado não têm pressuposição recíproca e (2) uma inversão na representação espacial dos dois elementos, de modo a ressaltar a preeminência do significante sobre o significado. A linha que relaciona significante e

significado na representação saussuriana do signo toma para Lacan o caráter de barra, separação que possibilita a circulação desses elementos de modo autônomo, mas que resiste à relação entre eles: o significante relaciona-se com outros significantes, não representando o significado.

Mas, se supusermos que não há relação alguma entre significante e significado - já que no algoritmo lacaniano significante e significado se encontram separados por uma barra resistente à significação - a determinação do sentido fica comprometida. No entanto, a barra não é intransponível, sendo possível vincular significante e significado por meio de uma operação nomeada por Lacan de *point de capiton*. Este conceito visa responder ao questionamento sobre a determinação do sentido, formulado por Lacan em consequência de sua experiência com pacientes psicóticos, cujo discurso parece desconsiderar o enlace usual entre significante e significado. Dito de modo mais claro: o caráter frágil da ligação entre significante e significado, ligação “sempre fluida, sempre prestes a se desfazer” (Lacan, 1988) dá-se a ver no discurso psicótico, de modo que, para pensar a prática clínica, se fez necessário ir além da idéia saussuriana de um corte que uniria o significante e o significado, ao mesmo tempo em que determina a ambos. O conceito de *point de capiton* visaria, portanto, destacar que a organização em cadeia permite a contextualização e conseqüente circunscrição da significação por meio da *articulação entre significantes*, mais do que por sua relação com o significado.

Se, para Saussure, a delimitação de unidades se dá por meio da noção de corte, o qual vem representar as cesuras simultâneas que vinculam a cadeia dos conceitos à cadeia das imagens acústicas, para Lacan, a delimitação da significação fica circunscrita ao conjunto da seqüência falada, cuja função diacrônica se dá a ver na frase, “*na medida em que esta só fecha sua significação com seu último termo, sendo cada termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu*

efeito retroativo” (Lacan, 1998). O que nos parece importante destacar na argumentação lacaniana é a diferenciação entre enunciado e enunciação, diferenciação esta que só ganha sentido se pensada no próprio momento da fala de cada sujeito particular, ao final da articulação significante. Neste sentido, o discurso psicótico é exemplar por apresentar fragmentos de frases que rompem com a articulação usual entre significante e significado, e cuja emergência automática parece desconsiderar uma relação significativa com aquilo do que se trata - um conteúdo qualquer. O *point de capiton* “é o ponto de convergência que permite situar retroativa e prospectivamente tudo o que se passa nesse discurso” (Lacan, 1988) e que possibilita realizar uma análise concreta do enunciado por considerar a ambigüidade do problema da enunciação em sua relação com a delimitação da significação para cada sujeito particular.

As pequenas, porém significativas, distinções entre o conceito saussuriano de significante e seu homônimo psicanalítico mostram-se nas entrelinhas, de modo que torna-se interessante seguir os argumentos lacanianos no período de 1953-1966² por meio de dois textos fundamentais: *Seminário sobre ‘A Carta Roubada’* e *A Instância da Letra no Inconsciente*.

No *Seminário sobre ‘A Carta Roubada’*, Lacan toma a obra de Edgar Allan Poe *The Purloined Letter* para demonstrar o funcionamento significante. Segundo ele, a carta (*lettre*)³ é o verdadeiro agente do conto, aquele que organiza o posicionamento dos diversos personagens segundo uma ordem de três tempos e três olhares: (1) um olhar que nada vê, (2) um olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta, e (3) aquele que vê que os olhares anteriores deixam a descoberto o

² Diversos autores dividem a obra lacaniana em três períodos: do imaginário (1932/1949), simbólico (1953/1966) - sobre o qual nos detemos no trabalho de mestrado (Cf. PONTES, 2003) - e do real (1968 em diante). No atual artigo buscaremos apresentar a passagem do período simbólico - com a aposta lacaniana na lingüística - para o período do real, quando proliferam os argumentos matemáticos e topológicos.

³ Nesse momento de nossa argumentação, optamos por manter o termo em francês devido a sua riqueza de significações - carta, letra - e aos jogos significantes propostos por Lacan.

que é para esconder. O que interessa a Lacan destacar é a maneira como as posições se revezam - temporalmente - em seu deslocamento repetitivo. *“Veremos que seu deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a lettre roubada”* (Lacan, 1998).

De forma muito criativa, Poe não revela em nenhum momento o conteúdo da carta, apenas dando dicas quanto a seu alto valor político. Este ponto permite a Lacan apresentar ao leitor a supremacia do significante - *la lettre* - sobre o significado - conteúdo da *lettre* - e da ordem simbólica sobre o sujeito, cujo posicionamento subjetivo varia de acordo com o olhar, o tempo e a posse da *lettre* na interpretação lacaniana do conto. Para exemplificar a pertença de um significante e seu reconhecimento unicamente na ordem simbólica, Lacan apresenta a idéia de um livro perdido numa biblioteca, o qual por não estar onde se o supunha, torna-se inacessível, mesmo que esteja na prateleira ao lado. *“É que só se pode dizer que algo falta em seu lugar, à la lettre, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, do simbólico”* (Lacan, 1998).

Neste momento de sua obra, Lacan apresenta uma concepção de linguagem por meio do significante, não fazendo qualquer distinção mais específica entre este e o conceito de letra. O que interessa a ele destacar é o caráter não meramente comunicacional da linguagem e a dimensão significante em sua precedência em relação ao significado. *“(...) nos é anunciado desde a primeira página, reduzida a sua expressão mais simples, a singularidade da lettre, que, como indica o título, é o verdadeiro sujeito do conto: é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto que lhe é próprio. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência de significante”* (Lacan, 1998).

Em *A Instância da Letra no Inconsciente*, Lacan apresenta de forma mais precisa sua concepção de linguagem, significante e letra, fazendo referências a Saussure e

Jakobson. Para tanto, divide o texto em três tópicos - (1) *o sentido da letra*, (2) *a letra no inconsciente* e (3) *a letra, o ser e o outro* - e utiliza em todos eles o conceito de letra como quase equivalente ao conceito de significante. No primeiro destes tópicos, Lacan propõe destacar a concepção de linguagem da psicanálise, não reduzindo o campo de atuação do analista apenas à fala, mas à estrutura de linguagem. Mais uma vez pondera que a linguagem não se confunde com a comunicação, mas se relaciona a um sistema de trocas culturais, o qual preexiste a cada sujeito particular.

Em seguida, afirma que o surgimento da disciplina lingüística - “*estudo das línguas existentes em sua estrutura e das leis que nela se revelam*” (Lacan, 1998) - estaria representado pelo algoritmo saussuriano, o qual Lacan já apresenta de modo próprio, destacando a preeminência do significante sobre o significado. Segundo ele, o significante tem duas propriedades: ser puro elemento de diferença e se compor segundo as leis de uma ordem fechada - a estrutura. A significação se produz por meio das relações entre significantes, que se antecipam ao sentido que produzem. “*Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento*” (Lacan, 1998). Enquanto a significação só pode ser pensada como efeito da articulação entre significantes, a letra marcaria a estrutura essencialmente localizada dele. Isso implica numa vinculação entre significante e letra na qual esta última poderia ser destacada e combinada de diversos modos, tal como nos sonhos.

O segundo tópico - a letra no inconsciente - nos aproxima da obra freudiana de interpretação dos sonhos, a qual, segundo Lacan, toma o sonho como um *rébus*. Ou seja, Lacan defende que o trabalho do sonho segue as leis do significante, de modo a considerar que as formações do inconsciente se organizam por meio dos jogos combinatórios de letras. O sonho do *Homem dos Lobos* (Freud, 1918 [1914]) é um bom

exemplo deste modo de interpretação que toma a letra como suporte para jogos significantes: no caso analisado por Freud, o V romano tanto representa a orelha dos lobos, quanto os ponteiros de um relógio, ou ainda a posição das pernas abertas de uma mulher, o abrir e fechar das asas de uma borboleta, bem como indica a estreita relação do V com a letra W, inicial de *Wolf* (lobo) e *Wespe* (vespa), elementos importantes na própria construção da história infantil deste paciente⁴.

Ainda na busca de uma aproximação entre psicanálise e lingüística, Lacan identifica os processos de condensação e deslocamento, característicos do trabalho do sonho, aos processos de metáfora e metonímia, de modo a propor uma assimilação dos mecanismos inconscientes aos da linguagem. A estrutura metonímica indicaria a conexão do significante com o significante em uma relação de contigüidade, deslocando a significação e constituindo resistência à vinculação entre significante e significado, enquanto que a estrutura metafórica indicaria a substituição do significante pelo significante que produz novo efeito de significação. Em ambas as operações a autonomia da dimensão significante se mostra por relacionar significante a significante - seja por substituição ou contigüidade - de modo a produzir uma nova significação, descartando, na leitura lacaniana, a possibilidade de elaboração de um signo novo que associasse de forma aleatória um significante a um significado. A importância deste tópico, no contexto da obra, reside na apresentação de sua teoria significante em relação com a prática clínica e o conceito de inconsciente.

O terceiro tópico busca articular a noção de significante e o conceito de sujeito, de modo a mostrar a excentricidade radical do homem em relação a si mesmo como consequência de sua alienação pela linguagem. O sujeito é apresentado na argumentação lacaniana como efeito de discurso, meio pelo qual ele se representa.

⁴ Para maiores detalhes e a fim de vislumbrar a riqueza da interpretação freudiana tanto do caso quanto do sonho, cf. FREUD, S. *História de uma Neurose Infantil* (1918 [1914]), vol. XVII, ESB.

Como consequência desta concepção, o significante assume uma função completamente diferente da de significar: o significante representa o sujeito. Após articular linguagem, inconsciente e sujeito, Lacan pode dar continuidade a seu propósito de releitura da obra freudiana.

Se um primeiro tempo do pensamento de Lacan consiste em associar a letra ao significante, tal como vimos nos parágrafos anteriores, posteriormente Lacan pretenderá distinguir estes conceitos, dando à letra o caráter de suporte material idêntico a si mesmo.

De significante a letra: uma segunda modificação

Nas primeiras obras de Lacan, significante e letra parecem se confundir, mas após 1961 - *Seminário 9: A Identificação*⁵ - uma diferenciação entre significante e letra é proposta por meio da noção de traço unário. O traço unário é apresentado como o elemento que conota a diferença pura, a descontinuidade que permite contabilizar a unidade, sendo o aspecto mais elementar do significante. Este conceito é decorrente da noção de *einzigster Zug* - traço único - na obra freudiana que versa sobre a identificação (Freud, 1921). Segundo Freud, uma das formas de identificação se dá por meio da substituição do investimento dirigido diretamente ao objeto por uma ligação identificatória parcial, extremamente limitada e que conserva apenas um traço da pessoa objeto deste investimento. O que interessa a Lacan na apropriação que faz do conceito freudiano é a possibilidade de apresentar uma identificação que não se prenda ao conteúdo, ou seja, ao significado, mas que remeta a uma marca diferencial - o traço.

Para explicar a noção de traço unário, Lacan relata sua visita ao Museu Saint-Germain, na qual, diante da diversidade de objetos expostos na Sala Piette, teve sua

⁵ Este seminário marca o início do uso simultâneo da lingüística e da topologia para embasar a teoria lacaniana.

atenção capturada por um objeto específico: a costela de um mamífero pré-histórico marcada por pequenos traços, os quais apresentavam intervalos irregulares entre si, formando pequenos grupos. Lacan supôs, então, que se tratassem de marcas feitas por um caçador e que teriam por finalidade registrar ou representar um animal abatido, mas que, independentemente da intencionalidade do autor, eram reconhecidos como distintas entre si. A importância teórica deste relato reside na possibilidade de reconhecimento da distinção entre as marcas de forma independente de seu conteúdo, pois o reconhecimento da diferença se dá a ver, não pela qualidade dos traços, mas pela seriação em que estão colocados. “(...) *cada um destes traços não é em absoluto idêntico a seu vizinho, mas não é porque sejam diferentes que funcionam como diferentes, senão porque a diferença significativa é distinta do tudo o que se refere à diferença qualitativa (...)*” (Lacan, 1961).

A discriminação entre traço unário e significante traz como consequência teórica que os significantes possam vir a representar não apenas palavras, cujos elementos mínimos seriam fonemas, mas ganhar extensão de modo a vir representar frases ou expressões, pois se o traço unário aponta para a possibilidade de uma contagem das diferenças, o significante pode ser tomado como tudo o que é contável como **um** na fala do paciente. Uma das justificativas para essa mudança no conceito de significante pode ser pensada em relação ao estatuto do traço unário, conceito que não mais se apóia unicamente na lingüística, mas faz uso de construções da matemática. “*Em matemática, os traços unários, contáveis, podem se repetir de maneira indefinida, mas na linguagem eles formam uma coleção de traços diferenciais cujo conjunto é finito*” (Porge, 2000).

O efeito da contagem, que na argumentação lacaniana vincula-se ao simbólico como inserção de um critério de diferença na realidade, é a discriminação entre unidades - no entanto, a questão quanto à finitude ou infinitude das marcas diferenciais

se coloca e os exemplos de linguagem passam a conviver lado a lado com exemplos retirados da matemática. De forma mais específica, o valor de estrutura do campo da linguagem fica condicionado ao caráter de oposição entre seus elementos, trazendo para primeiro plano a noção de cadeia significante, que possibilitaria situar uma lógica de desestratificação, antipredicatividade e minimalismo. O significante é, portanto, opositivo, relativo e negativo, não sendo idêntico a si mesmo. Já o traço unário é a marca de inscrição da diferença, como referencial simbólico do significante. Não se trata de encadeamento, mas de unidade de contagem.

A lógica significante, cuja proposição mínima poderia ser dita como ‘*o significante é diferente de si mesmo*’, traz para a teoria lacaniana duas conseqüências: por um lado a possibilidade de que a clínica psicanalítica seja guiada por uma lógica não-identitária e, por outro lado, a consideração por parte do analista de que toda formação do inconsciente é um hieróglifo - no sentido de que resiste à compreensão imediata, só se deixando ler por meio de um trabalho de deciframento. Já que o significante em sua articulação em cadeia produz um sentido diferente do esperado socialmente, o analista pode intervir como decifrador dos diversos modos de articulação particulares àquele sujeito. Esta questão toca diretamente a relação entre significante e letra, pois é a letra que em seu caráter material imutável possibilitará tomar as formações do inconsciente como *rébus*, novas formas de escrita que demandam deciframento por meio de seus elementos mínimos. Dito de outro modo, enquanto o significante aponta para a diferença, abrindo novas possibilidades de significação, o conceito de letra marca a repetição dos mesmos elementos, finitos, no jogo significante⁶.

⁶ Mais uma vez, vale a pena conferir a análise freudiana do sonho do Homem dos Lobos (Freud, 1918 [1914]).

Dez anos depois - *Seminário 18: de um discurso que não seria do semblante* - Lacan apresenta um conceito de letra que difere das considerações anteriores, fazendo supor que, se o significante se apóia na diferença, sua distinção em relação à letra consiste em que esta última é idêntica a si mesma, sendo da ordem do real⁷. A fim de justificar esta afirmação, retoma algumas das argumentações apresentadas no *Seminário 9*, principalmente aquelas que apontam uma diferença entre fala e escrita: “(...) *se a escrita pode servir para alguma coisa é justamente porque é diferente da palavra*” (Lacan, 1971).

Para apresentar esta distinção, Lacan faz uso da língua japonesa como ilustrativa de um modo de fala que, diante de situações de equívoco, recorre ao suporte da escrita a fim de delimitar a significação. Isto se deve ao fato de que há uma grande diferença entre o sistema de pronúncia e os caracteres da língua japonesa, o que produz jogos significantes contínuos que necessitam da escrita para reduzir o equívoco presente na frase pronunciada⁸. Isso não impede que o sujeito tenha acesso à fala, apenas aponta para uma posição particular da relação do sujeito com o significante e com a escrita, a qual demonstra seu caráter diferencial em relação à palavra falada. Lacan busca indicar que a escrita é secundária em relação à função da linguagem: o que vem primeiro é o significante, o encadeamento literal como contra-senso. A escrita visaria, pois, uma ordem de sentido: “(...) *as letras constituem os ajuntamentos, as letras são, e não designam, esses ajuntamentos, elas são tomadas como funcionando como esses ajuntamentos mesmos*” (Lacan, 1975).

⁷ Neste momento da obra lacaniana, o conceito do real como ‘o impossível de representar’ já se fez presente, estando articulado a um impasse de formalização. É esta impossibilidade de formalização que conduzirá Lacan às demonstrações da topologia.

⁸ “*Sempre quando falamos, pensamos em Kanji senão não conseguimos compreender a significação da frase*”. Kunifumi Suzuki em entrevista a Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (2000). Na língua japonesa existem dois sistemas de escritura. O *Kanji* é um sistema ideográfico que foi construído por intermédio dos caracteres chineses. O *Hiragana* é um sistema fonético, no qual se pode escrever segundo a forma como se pronuncia.

Com tal afirmação, Lacan pretende retirar do conceito de letra a dimensão de representação, tomando-a como elemento matemático, idêntico a si mesmo. Neste momento de sua argumentação, significante e letra já não se confundem, pois o conceito de letra permite designar a dimensão daquilo que se conserva, mesmo se a mensagem não é compreendida. O caráter de conservação da letra se deve a sua referência ao real, enquanto o significante permanece vinculado à inserção simbólica do homem na linguagem. A letra, nesse sentido, conduz ao matema⁹, quer dizer, a uma escritura cujas leituras podem variar, mas cuja sintaxe fica necessariamente fixada.

Dois conceitos, duas lógicas

Ao abordar a diferenciação entre os conceitos de significante e letra, pretendemos assinalar a existência de lógicas distintas na teoria lacaniana, as quais modificam o horizonte da relação entre psicanálise e linguagem. De modo resumido podemos apresentar a distinção entre estes conceitos da seguinte forma: o significante é apenas relação, mais precisamente uma relação de diferença e oposição; portanto, o significante não tem positividade, não porta qualidades que possam lhe dar uma identidade. Ou seja, *“tudo o que concerne ao significante será dito num vocabulário da cadeia e da alteridade”* (Milner, 1996). Por sua vez, a letra não consiste apenas em relações, mesmo que possa vir a manter relações com outras letras, pois é positiva em sua ordem. No discurso em que se situa, é idêntica a si mesma, podendo ser deslocada, permutada, ou seja, é passível de sofrer operações literais as mais variadas. Como suporte material idêntico a si mesmo, a letra é transmissível, servindo de base para uma matematização da psicanálise.

⁹ Lacan nomeia como matema as escritas de aspecto algébrico explicativas de conceitos-chave da teoria.

Ora, tomar o conceito de significante como *estrutura mínima da cadeia na qual cada elemento é definido puramente por oposição* implica no que se poderia nomear de uma *lógica minimalista de pura diferença*, lógica não-identitária. Dito de modo mais claro: na teoria lacaniana o significante é opositivo, relativo e não carrega qualquer conteúdo em si, já que sua relação com a significação se faz por encadeamento, de tal modo que o significante implica o apagamento da coisa, abolindo suas qualidades e retendo apenas a contagem e a diferença como tal. Como consequência dessa concepção, é possível à análise lacaniana considerar que a significação se produz para cada sujeito particular no momento de sua enunciação, abrindo margem para os jogos significantes, mais notadamente a polissemia.

No entanto, ao considerar a letra como *suporte material idêntico a si mesmo*, uma nova lógica se institui no campo psicanalítico: uma lógica de transmissibilidade que tem como ideal a matemática, lógica identitária que considera a linguagem, e consequentemente a lingüística, como apoios insuficientes para sua transmissão. Não é por acaso que a letra ganha estatuto diferenciado em relação ao conceito de significante no mesmo período em que a topologia se apresenta na obra lacaniana, pois o interesse de Lacan nas figuras topológicas se ancora na possibilidade de mostrar o que não pode ser formulado em palavras. A letra é então tomada como elemento idêntico a si mesmo que permite jogos de repetição e conservação, fundamentais para a clínica psicanalítica, bem como operações de transmissão e transliteração, aspecto de extrema importância para a construção da teoria. A polifonia¹⁰ ganha destaque, tal como nos dão prova os

¹⁰ Ao articular, de um lado, polissemia e significante e, de outro, polifonia e letra, buscamos distinguir os jogos de palavras propostos por Lacan que repetem a mesma palavra em contextos diversos, produzindo novas significações – tal como este autor fez em *Seminário sobre 'A Carta Roubada'* em relação ao termo 'lettre' – e os jogos orais de palavras ou expressões cujo sentido só pode ser fixado quando escrito, tal como nos títulos de seus últimos seminários. Vale relembrar que os seminários de Lacan eram ministrados oralmente e que, no momento de sua publicação, alguns títulos foram longamente discutidos antes de se decidir por uma grafia padrão que delimitaria o sentido.

nomes dos últimos seminários lacanianos: *Encore* (1972-73), *Le non-dupes errent* (1973-74), *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77).

A letra deve, portanto, ser entendida como literalização não quantitativa, o que permitiria a matematização da psicanálise. A aproximação entre letra e matema, como já assinalada por nós anteriormente, aponta para a busca de uma transmissibilidade integral do saber psicanalítico, o qual por meio da letra almejaria a transmissão do impossível. Ou seja, o que não se pode formular em palavras, deve ser *mostrado*, reduzido às figuras topológicas ou matemas, cuja base de construção é a literalização. No entanto, o ideal de uma transmissão integral da psicanálise não se sustentará por muito tempo: ao matema se substituirá o nó borromeu, objeto distinto das diversas figuras topológicas - banda de Moebius, *cross-cap*, toro - por não se deixar matematizar completamente. Embora haja uma abordagem matematizante dos nós, não existe nenhuma formalização matemática dos mesmos: o nó esgota-se em sua 'mostração' e não pode ser integralmente escrito¹¹.

Se num primeiro momento letra e significante parecem se equivaler e, portanto, várias das afirmações lacanianas formuladas em termos de letra podem sem prejuízo ser colocadas em termos de significante, a distinção posterior entre esses conceitos se faz necessária por possibilitar um novo modelo de cientificidade, caro a Lacan. A lingüística teve para Lacan a função de garantia, de modelo metodológico de um campo que conseguiu se afirmar como científico. No entanto, a 'garantia lingüística' não teve um prazo de validade muito longo, pois ajudava a organizar as descobertas já realizadas por Freud, mas não apresentava novas soluções para o que Lacan construía: teorizações em torno do real. Afastando-se da lingüística (e da linguagem), sem, no entanto, abandoná-la completamente em nenhum momento, Lacan se viu lançado na busca de

¹¹ O período de teorização dos nós implica em um novo movimento do pensamento laciano, tema sobre o qual não nos deteremos neste artigo, já que optamos por situar o percurso de distinção teórica entre significante e letra.

uma transmissibilidade do impossível. Daí o recurso à matemática, à poesia e, por fim, ao silêncio...

Title

From nearly analogous to a distinct necessity: signifier and letter in Lacan's theory

Abstract

This article proposes an analysis and a reflection about the lacanian path towards construction and differentiation of the concepts of signifier and letter, in order to argue the distinct logics that are articulated to these concepts.

Keywords: linguistics; psychoanalysis; Lacan; Saussure; signifier; letter.

Referências Bibliográficas

AIRES, S. **De sistema psíquico a tropeço da fala: variações do conceito de**

inconsciente na psicanálise. Campinas, 2003. Dissertação (mestrado em

Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900) *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas**

Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. Psicopatologia da vida cotidiana (1901). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

_____. A significação antitética das palavras primitivas (1910). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

_____. O interesse científico pela psicanálise (1913). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

_____. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

_____. Psicologia de grupo e a análise do eu (1921). *In*: FREUD, S. *Op Cit* (1977).

- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Seminário 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Seminário 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. **Seminário 9: La identificación (1961/1962)** - seminário inédito.
- _____. **Seminário 18: De um discurso que não seria do semblante (1971/1972)**. Recife: CEF, 1996.
- _____. **Seminário 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- MILNER, J-C. **A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Seuil, 2002.
- PORGE, E. **Jacques Lacan, un psychanalyste: parcours d'un enseignement**. Paris: Erès, 2000.
- SUZUKI, K. A letra e o outro no Japão. *In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - de um ao outro século: a psicanálise*. No. 18, 2000. Porto Alegre: APPOA, 1995, ----.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

Bibliografia Consultada

- ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise. Lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- GRANON-LAFONT, J. **A topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- HARRIS, R. **Language, Saussure and Wittgenstein: how to play games with words**. London: Routledge, 1989.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In*

Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Introduction a l'oeuvre de Marcel Mauss. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1968.

MACEY, D. **Lacan in contexts**. London: Verso, 1998.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos - vol. 2: 1925-1985**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.